



António Simas Santos

Ryanair volta, estás desculpada

O custo da inação nos céus dos Açores

Há títulos que se escrevem sozinhos. Perante os números oficiais divulgados esta semana pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), é difícil não olhar para a actual conjuntura como o reflexo de uma reconciliação urgentemente adiada. Os Açores precisam da Ryanair de volta, a região já sacrificou demasiado tempo, receita e fluxos turísticos estruturais para se dar ao luxo geopolítico de continuar de costas voltadas para a maior companhia aérea low-cost da Europa.

Os factos e os dados macroeconómicos devem guiar a análise. Em novembro de 2025, a transportadora irlandesa anunciou o cancelamento integral de todas as suas rotas de e para o arquipélago a partir de 29 de março de 2026. Os argumentos da companhia assentaram no agravamento incontrolável das taxas aeroportuárias impostas pela ANA/VINCI e na inação do Governo da República face ao aumento das taxas de navegação aérea da NAV.

A concretização desta saída, que eliminou duas ligações diárias vitais entre Lisboa e Ponta Delgada, além das rotas de Porto e Lisboa para a Terceira, retirou à região uma fatia de ligações, sem precedentes. A Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada (CCIPD) estimou o impacto financeiro direto entre 90 e 105 milhões de euros anuais, o que representa uma contração imediata de 1,5% a 1,7% do PIB regional.

Os indicadores estatísticos mais recentes confirmam o cenário recessivo que muitos tentaram mitigar com retórica otimista. Nos primeiros sete meses de 2026, os Açores registaram 2,5 milhões de dormidas nos alojamentos turísticos — uma quebra de 3,7% face ao período homólogo. Esta é a décima descida mensal consecutiva na região, um dado alarmante se considerarmos que o território continental português cresceu 1,5% no mesmo intervalo. O desembarque de passageiros nos aeroportos açorianos espelha a mesma tendência. Recuou 8,5% no primeiro semestre e manteve uma trajetória deflacionária de 4,3% em julho.

A urgência torna-se ainda mais evidente quando confrontada com o desempenho dos nossos concorrentes diretos no segmento do turismo insular e de natureza:

- **Madeira:** Ao contrário dos Açores, o arquipélago da Madeira reforçou a sua estabilidade operacional com as companhias de baixo custo, continuando a registar recordes sucessivos de proventos e de dormidas em 2026, capitalizando o desvio de turistas nacionais e europeus.
- **Canárias:** As ilhas espanholas souberam blindar o seu mercado através de uma política agressiva de incentivos aeroportuários e de taxas controladas, mantendo taxas de ocupação hoteleira muito superiores e garantindo ligações directas a cidades secundárias em toda a Europa Ocidental.

Enquanto os Açores perdem quota de mercado para estes destinos de-

vido à escalada do preço médio das passagens, o plano de contingência do Governo Regional demonstra não ter viabilidade prática imediata. Nos meses subsequentes ao anúncio da Ryanair, foram avançadas negociações com operadoras como a EasyJet, Vueling e Wizz Air. Hoje, sabe-se que um eventual reforço ou regresso destas marcas está fora de qualquer horizonte temporal próximo.

A atracção de novas companhias internacionais pela ANA para Ponta Delgada — como a Air Canada, WestJet e Austrian Airlines, embora positiva, responde a uma lógica de longo curso e turismo de nicho. Estas rotas não substituem, de forma alguma, a alta frequência e a acessibilidade de preços que a Ryanair garantia para o turismo interno e para a Diáspora. Os reforços pontuais da TAP e da SATA não compensam os lugares perdidos e o setor hoteleiro local já admitiu que as tarifas praticadas pelas companhias de bandeira excluem uma faixa crucial de visitantes de classe média.

A opacidade em torno do processo também tem gerado instabilidade política. Em novembro do ano passado, o executivo açoriano, através da secretária regional do Turismo, Berta Cabral, assegurou “determinação” em manter a parceria e reiterou que os canais de diálogo continuavam abertos. Dez meses depois, essa determinação não se traduziu em nenhuma rota activa. A pressão parlamentar intensificou-se, com exigências de esclarecimento sobre os valores atribuídos à operadora entre 2015 e 2026, as contrapropostas apresentadas e as falhas na estratégia negocial. Perante a erosão dos dados económicos, estas perguntas são não só legítimas, mas obrigatórias.

Não se pede aqui uma visão romântica de uma multinacional que se move exclusivamente por critérios de rentabilidade financeira e que saiu a contestar taxas que qualquer operador considera punitivas. Pede-se pragmatismo económico. Passados nove meses, nenhuma alternativa preencheu o vazio estrutural deixado. Os hóspedes escasseiam, as dormidas caem e a economia regional, altamente dependente do turismo, ressentem-se.

Para travar esta hemorragia económica antes do fecho do ano fiscal, a solução exige decisões firmes como retomar, de imediato, as negociações com a Ryanair com um caderno de encargos sério e competitivo, ou estruturar uma alternativa de baixo custo real com a mesma capacidade de rede. Os Açores não podem subsistir com base em “vias de diálogo abertas”. Necessitam de rotas, frequências previsíveis e tarifas que devolvam o arquipélago ao mapa da mobilidade moderna. Os números estatísticos provaram que o mercado não se autorregula sem conectividade. Se for necessário abdicar do orgulho institucional e voltar a sentar à mesa quem saiu a bater a porta, que se faça pelo bem do tecido empresarial e do futuro dos açorianos.

Ryanair volta, estás desculpada.

Embaixadora da Austrália em Portugal recebida na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

A Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Fátima Amorim, recebeu, no dia 8 de Setembro, nos Paços do Concelho, em audiência de apresentação de cumprimentos, Helen Cheney, Embaixadora da Austrália em Portugal.

A audiência decorreu no âmbito da visita oficial da nova Embaixadora da Austrália aos Açores, constituindo uma oportunidade para o contacto institucional entre o Município de Angra do Heroísmo e a representação diplomática australiana em Portugal.

Durante a sua passagem pela ilha

Terceira, Helen Cheney marca também presença no Hortênsia Music Festival, iniciativa que conta com a participação de um músico natural daquele continente.

A visita da Embaixadora aos Açores insere-se, assim, num programa que alia a componente institucional à participação num evento cultural, contribuindo para o reforço dos laços entre a Austrália e a Região Autónoma dos Açores.

Helen Cheney é Embaixadora da Austrália em Portugal, sendo igualmente acreditada junto de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.



Foto©Câmara Municipal de Angra do Heroísmo